



Amanda Miranda Garcia¹
Orientação: Sônia Maria Clareto



O presente texto, acompanha o livro "**Criança de mundos**", como forma de compor o caminho percorrido em sua construção. Ao longo de sua produção, uma série de afetos nos atravessaram, como: músicas, filmes, livros, exposições artísticas etc. Iremos trazer uma amostra destes afetos, além de escritas realizadas dentro do projeto de pesquisa no qual o livro possui raízes: "Como o mundo funciona: educação matemática, aprendizagens e experimentações" (2020-2023), da faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. No projeto, refletimos sobre as relações de crianças de diferentes contextos socioculturais com os elementos do mundo e seus funcionamentos, investigando a aprendizagem matemática fora do âmbito escolar. Apostamos no trabalho de campo e na cartografia como procedimento metodológico, em que a partir de uma política de narrativa, construímos o caminho da pesquisa. Os autores Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze e Félix Guattari são companhias nessa travessia.

O projeto citado, se baseia em uma pesquisa anterior: "A criança e seus mundos: céu, Terra e mar no olhar de crianças da comunidade caiçara de Camburi (SP)" (CLARETO,1993), em que crianças ribeirinhas do norte de São Paulo foram entrevistadas e descreveram o mundo a partir das suas vivências.

"Criança de mundos", foi pensado a partir de falas de crianças de 5 e 6 anos de idade, em composição com as ilustrações das crianças entrevistadas na pesquisa realizada em Camburi (CLARETO,1993). Inicialmente, a obra foi idealizada para o formato impresso, em livretos separados, que se unem por um fio que os amarra e os desamarra, sem ordem pré-determinada, podendo ser compartilhado por várias crianças ao mesmo tempo, em uma leitura desfrutada aos poucos ou devorada de uma vez só.

As obras artísticas presentes neste texto, em sua maioria, não virão acompanhadas de um comentário, como se é esperado, já que isto fecharia a abertura que é pretendida. É importante frisar que poderiam ser outras obras, outros afetos, entretanto, foram os que surgiram nesta travessia.

No caminhar do texto, nos debruçaremos ainda sobre conceitos que visam auxiliar o pensar a criança, a infância e a educação, em um encontro "**entre** estética e pedagogia" (HILLESHEIM,2008).

Vídeos do projeto "Como o mundo funciona: educação matemática, aprendizagens e experimentações", realizados para os Seminários de Iniciação científica - 2021 e 2022, respectivamente.



CRIANÇA DE MUNDOS

CRIANÇA contínuo movimento de criar

De acordo com o dicionário "Houaiss" 4, a etimologia da palavra criança pode estar relacionada ao latim: viria de creantia, ou "criação". Outra hipótese é a de que o termo seja uma junção de "criar + - ança", o que representaria indivíduo na infância, filho. No caso de "infância", o vocábulo surge do latim: "infantia, ae", que seria "dificuldade ou incapacidade de falar, mudez; infância, meninice, primeira idade dos animais; o que é novo, novidade" ou "infans, ántis", representando o "que não fala; criança" (grifos nossos) (DORETTO; COSTA, 2012.p.4).

*CRIANÇA

- o que estou vivendo é criança
Johanna López, 10 anos

Uma grande referência para a escrita do livro foi a obra "Casa das estrelas: o universo pelo olhar das crianças" de Javier Naranjo, professor e poeta Colombiano. Na obra, o autor organiza uma espécie de glossário no qual as crianças apresentam definições de palavras que envolvem a vida, as pessoas, a natureza, os sentimentos etc.

Em "Crianças de mundos", houve o desejo de preservar as frases como foram ditas, no ritmo e na forma, como acontece na obra de Naranjo, mas, misturando as falas e compondo-as com desenhos realizados por crianças de outro tempo. Este desejo de preservação do que foi dito, em conteúdo e forma, não se concretiza, já que as falas se transformam a partir do momento em que um interlocutor as escuta. Além disso, o que é "ficção" e o que é "realidade"?

A literatura infantil torna-se, assim, um exercício de alteridade, uma literatura que faz a língua vibrar, conduzindo-a a uma terra na qual habita uma minoria, preservando o novo e renovando formas de viver e pensar o mundo
(HILLESHEIM, 2008, p.1)

As falas das crianças, saem de corpos que vibram. E continuam vibrando, mesmo que escritas, tendendo a contaminar aqueles que as lêem.

Do encontro com as crianças, uma série de questões se mobilizam e destacaremos duas: o desafio em trabalhar com a comunicação gestual e corporal que surgia no diálogo com as crianças; e como algumas frases teriam a potência de gerar incômodos aos adultos e de deslocá-los para outros lugares.

E as crianças escrevem, zombando por dentro da necessidade patética que temos de que suas palavras caibam em nossa pobreza mental (NARANJO, 2021, p.16).

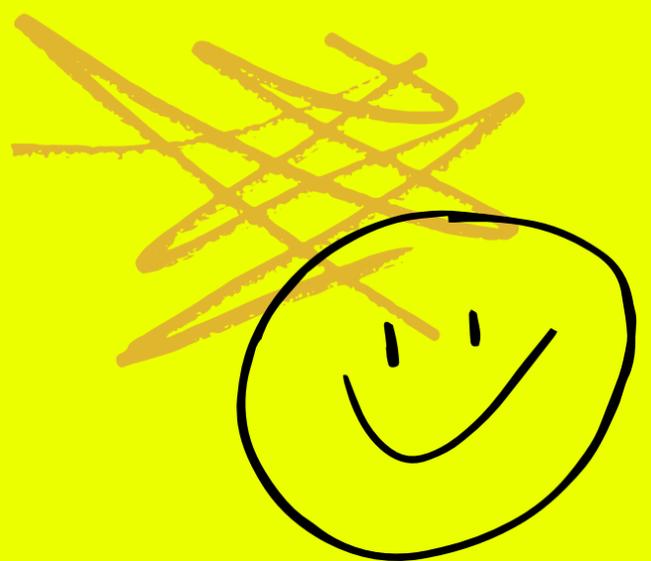
As imagens que as crianças trazem, nos fazem refletir sobre suas perspectivas de mundo, sobre como constroem o pensamento, sobre a cultura que absorveram ou não, sobre a liberdade, o movimento, sobre os silêncios, sobre as disputas de forças, sobre o riso, sobre as relações com o corpo, sobre a experiência, sobre quem escuta, e sobre uma série de outras questões que não se esgotam.

Ao reunir conhecimento e sensibilidade, a experiência estética introduz a alteridade, liberando as idéias do plano perceptivo/cognitivo e possibilitando novas configurações imaginativas. A estética, assim, é uma experiência que abre o mundo, o qual passa a ser visto por novos prismas (HILLESHEIM,2008, p.4)..

**ADULTO*

*-pessoa que, em toda coisa que fala, vem primeiro ela
Andrés Felipe Bedoya, 8 anos*

*A
O
E
P
R
S
Ç
R
S
I
O
E
P
O*



Apesar de a poesia , para Eulália Véles , de 12 anos, ser expressão de reprimidos”, para mim, era claro que nas crianças , em seu abandono , em sua liberdade interior, encontram-se caminhos certos para a poesia. (NARANJO,2021,p.12)..

Texto: (Stallone ;Billion; Seixas; Junior; Mello ,2021) .

Nise escreveu um livro intitulado *Cartas a Spinoza*, uma coleção de 7 cartas nas quais ela se dirige ao filósofo holandês Baruch Spinoza como seu mestre, discutindo a importância de seu trabalho científico e filosófico como base para o trabalho que desenvolvia no hospital psiquiátrico.

O afeto, para Spinoza, do verbo "afetar", é aquilo que move, que toca, que mexe com a pessoa, com sua alma. Esses afetos podem ser de qualquer natureza e são únicos em cada um de nós; existem no espaço da nossa subjetividade. O que aprendemos com Nise e Spinoza é que muitas vezes a percepção de nossos afetos é deixada de lado, porque vivemos num mundo que supervaloriza a racionalidade.

Será que tudo que me é ofertado, tudo que consumo, de bens a relações, me afeta positivamente? Ou será que de alguma maneira até os meus afetos estão condicionados e eu me obrigo a sentir? Saber disso demanda tempo e um olhar profundo para dentro de nós mesmos, mas parece um exercício fundamental, uma vez que é a capacidade de afetar e ser afetado que nos torna efetivamente humanos.

Artur Amora. Sem Título, década de 40. óleo sobre tela.

Arthur Amora teve uma breve passagem pelo hospital no final da década de 1940, e não há maiores dados a seu respeito. Chegou ao ateliê desejando pintar, mas declarando que não sabia desenhar. Propôs-lhe buscar um motivo que o interessasse. Descobriu uma caixa de dominós e copiou-os inteiramente. Depois começou a simplificá-los, abandonando os pontos, encobrindo as faixas brancas e pretas, rompendo os ângulos encontrando curvas e criando estruturas de forte contraste óptico.

— ALMIR MAVIGNIER (1989)



EXPERIMENTAÇÃO

MUNDOS

O EXERCÍCIO DO ETNÓGRAFO

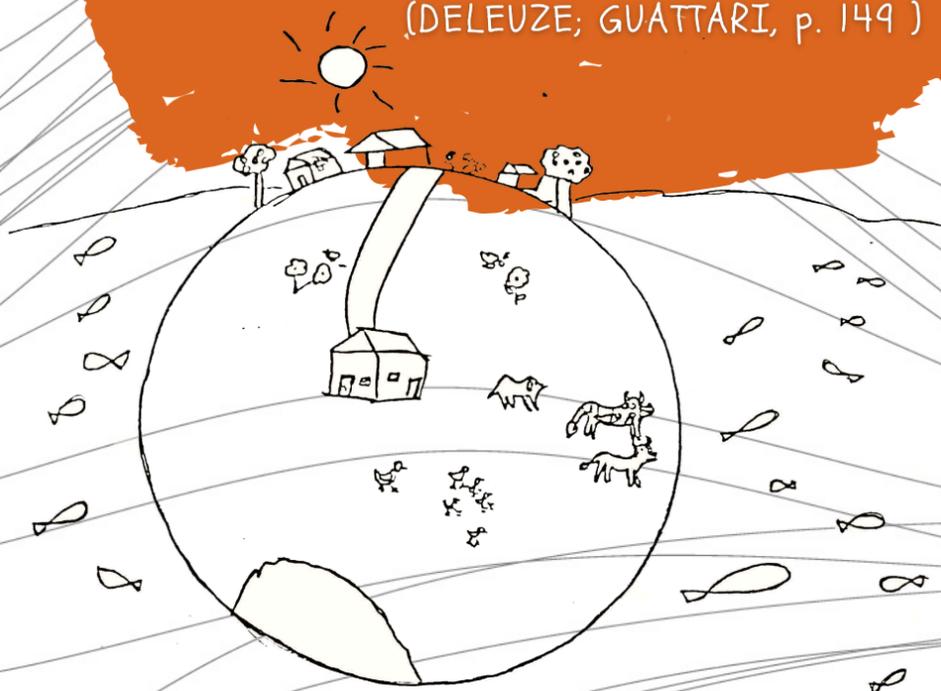
CARTOGRAFIA

COSMOLOGIAS
INFANTIS

Quais modos de funcionamento do mundo?

O inconsciente não levanta problema algum de sentido, mas unicamente problemas de uso. A questão do desejo não é "o que isso quer dizer?", mas como isso funciona.

(DELEUZE; GUATTARI, p. 144)



Ligia e/é um mundo

Não sabia que ao pousar de leve o lápis sobre o papel, no alto da folha, um mundo se criaria. Ligia levava a mão ao lápis desintencionalizada de fazer mundo. E, talvez por isso mesmo, o fazia. O primeiro risco se aproximava mais de arriscar do que de riscar: arriscar - por em risco, em um perigo inconveniente - outra imagem de mundo que rasgasse o nosso ainda que o costurasse com imagens. Me adianto demais: Ligia levava a mão no lápis desintencionalizada de fazer mundo. E, talvez por isso mesmo, o fazia.

O (ar)risco no alto da folha criava grande espaço para o mar. Um pouco de interrupção do mar marcava uma quase circunferência cuja borda ultrapassava um pouquinho o limite feito do mar: terra à vista! Ligia e um mundo cindido em dois: o mundo do mar, o mundo da quase circunferência. Mais uma vez me adianto demais: talvez fosse mais justo dizer de um mundo cindido em dois. Mundo debaixo do primeiro (ar)risco, mundo da quase circunferência. É que a gente só consegue saber que debaixo do (ar)risco tem mar quando o lápis guiado pela mãozinha ágil faz invadir a folha de peixe. Um, dois, três... trinta e cinco peixes invadiam tudo, menos a quase circunferência, que oferecia ao mar uma borda, uma fronteira intransponível feita de grafite.

Na quase circunferência, aos poucos ia se formando algo de terra. Não exatamente de Terra como no planeta, mas de terra mesmo, abrigo de árvore, de casa - era um mundo de trinta e cinco peixes e quatro casas - de flor, de caminho traçado. Tinha boi, cachorro e pintinho e, o que não parecia ter a menor importância, tinha umas silhuetas de gente no cocuruto da terra. Silhuetas de boneco palito tão sem importância que sequer tinham início, meio e fim. Para que gastar grafite que faz mundo com gente quando se tem trinta e cinco peixes, um cachorro, borboleta cheirando flor e uma família de seis pintinhos?

No avesso do cocuruto da terra, o lápis da Lígia riscou um arco que não me faz imagem. E gosto disso: de nem desconfiar que arco é esse que faz um mundo com a Lígia. E, por que não?, comigo. O arco talvez me lembre um buraco. A terra esburacada: seria dali que tanto mar e tanto peixe vazara, como garrafa cheia tombada sobre a pia da cozinha? Ou seria o buraco que segurava o ar que evitava que a terra afundasse no tanto de água e no tanto de peixe?

Lápis abandona papel: Lígia e um mundo; Lígia é um mundo

Conta-se que um moço alto de nome Etnógrafo perguntou a Lígia os significados do seu mundo. De que fragmento de cultura saiam os peixes? De que pedaço de humanidade saiam as representações? De que teias semióticas os elementos do mundo se organizavam? Pobre moço Etnógrafo: a aposta nas coisas mesmas tirava a magia do grafite de fazer mundo que Lígia usava desintencionalizada, colava no mundo as imagens que o impediam de respirar como o vivo que era. E colava Lígia com as imagens que a impediam de respirar como o vivo que era.

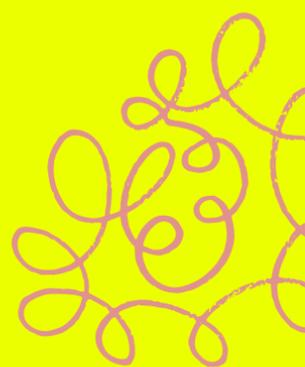
Antes do terrível fim sufocante da colagem de imagens, o moço Etnógrafo pareceu se dar conta: mais que colar suas imagens, o que valia mesmo era mergulhar no mar com trinta e cinco peixes; andar os caminhos entre as quatro casas da terra, perseguir as borboletas próximas às flores, tirar leite da vaca malhada, acompanhar a caminhada lenta da família de pintinhos. Conta-se que alguém disse: o nome disso que o moço Etnógrafo fez quando abandonou a colagem é experimentação. Conta-se que o moço Etnógrafo experimentou o mundo de Lígia. Lígia e um mundo; Lígia é um mundo.

**Texto de Giovani Camarotta
produzido no projeto de pesquisa
"Como o mundo funciona: educação
matemática, aprendizagens e
experimentações" .**

*CRIANÇA

uma criança é um amigo que tem o cabelo
curtinho, joga bola, pode brincar e ir ao circo.

Luis Gabriel Mesa, 7 anos



"Uma mesa é uma mesa. Será?"

Isabel Minhós Martins; ilustração – Madalena Matoso (2011)

Ao buscar referências para a construção do presente trabalho, surge a literatura de Isabel Minhós. Este livro, em específico, "Uma mesa é uma mesa. Será?", conta a história de uma criança que a partir de uma conversa com seu avô, se engaja em uma investigação.

No início do livro, o senhor aponta que, para ele, a mesa é um álbum de recordações. A criança então fica surpresa que **uma mesa possa ser mais do que uma mesa**. Por isso, ela inicia sua pesquisa com outros personagens: conversa com o marceneiro, que diz que a mesa são três parafusos, madeiras, etc; com o poeta, que percebe a mesa como uma poesia que pode ser recitada; com o colecionador, que reconhece o valor da mesa pelo ano em que foi criada, entre outros. Cada personagem diz, de seu modo, sobre a mesa. Quando a criança volta para casa, escuta sua mãe gritando "Pra mesaa!", chamando-a para jantar. A mesa, para a criança, se apresenta diretamente relacionada com o presente e à experiência.

O pequeno Hans define um cavalo traçando uma lista de afectos, ativos e passivos: possuir um grande faz-pipi, arrastar cargas pesadas, ter viseiras, morder, cair, ser chicoteado, fazer charivari com as patas. É essa a distribuição de afectos (onde o faz-pipi desempenham uma função de transformador, de conversor) que constitui um mapa de intensidades. É sempre uma constelação afetiva (DELEUZE, 1997, p.76).

Em Crítica e Clínica, no capítulo "O que as crianças dizem", Deleuze nos convoca a pensar sobre o movimento frequente de imaginar "o que está por trás?" ou "o que está nas entrelinhas?" do que as crianças expressam. Movimento de interpretação que possui bases na psicanálise e que é, inclusive, acompanhado por cenas que "justificam" o conteúdo expressado remetendo frequentemente a relação familiar da criança com a figura paterna e materna (complexo de Édipo). No caso do pequeno Hans (trabalhado por Freud e citado em Crítica e Clínica), são inferidas uma série de questões familiares a partir do cavalo que lhe desperta a atenção. Este modo de se relacionar com o que vêm das crianças tende a enclausurar as possibilidades desses sujeitos que são desejantes, e que criam impressões a partir de seus encontros com o mundo.

É interessante notar, que como o pequeno Hans, a personagem da narrativa de Isabel Minhós nos traz uma relação com a mesa que passa pela experiência vivida, pelos afetos, pela ação. Hans descreve o cavalo também a partir de suas percepções, e o que o modo neurótico de vida faz é colar imagens e sobrepor à própria experiência do garoto. O que também não quer dizer, por outro lado, que as crianças se resumam à experiência.

*CRIANÇA

-são humanos, às vezes são maus, as vezes são bons, choram, gritam: brincam, brigam, tomam banho, às vezes não tomam banho, entram na piscina e crescem

Natalia Calderón, 6 anos



*Professor

-é uma pessoa que não se cansa de copiar
Maria José Garcia, 8 anos



Quando as dinâmicas lineares aterrissam entende-se a integração entre o solo e o ar, afirmando que o terreno e cósmico se atraem (DINIZ, 2021).

VETOR VIVO

Arquitetura em aço

Uma ausência ativa penetra o vácuo conectando seus ocos com uma ideia magnética que é ao mesmo tempo, o texto e o desenho do pensamento.

DINIZ, João. VETOR VIVO: arquitetura em aço. Centro Cultural Banco do Brasil, Belo Horizonte, 2021. fot. acerco pessoal

O ativo repouso das rígidas barras compositivas promovem na poliédrica retícula a expressão múltipla de um ser multifacetado.

O traço sintético, principal célula da composição, é a semente da figura que revela o volume e propõe o espaço que repensa o vazio.

A reta é a conexão natural e direta entre dois locais, podendo conformar uma trama estável de intenções articuladas.

O Vetor Vivo nasce na harmonia da teia projetada e construída, revelando o fluxo das forças invisíveis através da geometria organizadora.





"(...) como é possível que sobre linhas tão diferentes se produzam formas de pensar a infância? O que se passa entre a literatura e o infantil?" (HILLESHEIM,2008, p.4)

Betina Hillesheim , Doutora em Psicologia (PUCRS), em seu artigo "Por uma literatura menor: produção literária para a infância" (2008), faz uma reflexão acerca da tendência, dos livros escritos para as crianças, em possuírem um caráter disciplinador, artificial e higienizador do que pode se pensar inadequado para as crianças. A autora aponta que, frequentemente, a literatura infantil se esgota em um projeto utilitário, pedagógico (HILLESHEIM,2008).

Betina busca trazer, portanto, a perspectiva para a literatura infantil como uma literatura menor, a partir do pensamento de Deleuze e Guattari (1977).

No texto 'Kafka: por uma literatura menor' (1977), estes autores realizam uma inversão do conceito „menor“, entendendo uma literatura menor não como uma literatura que tenha um valor diminuído, mas como uma língua de uma minoria diante de uma língua maior, sendo que uma de suas características é um forte componente de desterritorialização (HILLESHEIM,2008, p.2).

Segundo a autora, pensar a literatura infantil como literatura **menor** envolve o encontro **entre** “estética e pedagogia”, a fim de tencionar as regras sociais que forçam a conservação e se mobilizam para barrar o que pode gerar o novo.

Uma literatura menor é uma literatura que se torna criança, extraindo partículas infantis dos acontecimentos e estabelecendo a infância como potência do falso: não cópia ou modelo (...) (HILLESHEIM,2008, p.8).

Uma literatura para as infâncias, a partir da infâncias.



Outro conceito, presente nas obras de Deleuze e que pode nos auxiliar a refletir sobre a educação, é o de devir criança. Quando se fala em devir criança, não se pretende a defesa de uma "imitação" das crianças ou de retorno a uma posição infantil , mas, uma reflexão de que potencialidades se abrem, que fendas existem nesse modo de vida, e que podem nos inspirar, inclusive, como professoras e professores.

A criança, como sujeito da experimentação e do presente, deslocada do passado e da memória, há muito a explorar . Tudo é novidade e as possibilidades não estão fechadas.

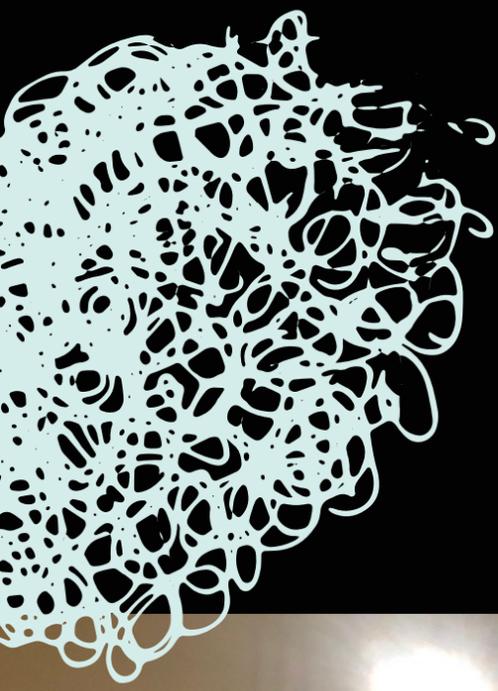
A infância se refere a um tempo não-cronológico, constituindo-se como devir de uma vida possível e remetendo às senhas que existem sob as palavras de ordem, na medida em que pode transformar as composições de ordem em componentes de passagens (HILLESHEIM,2008, p.6).

Esta perspectiva de infância que se desloca de um tempo cronológico para fazer vibrar potências de criação, busca ampliar os horizontes e os limites aos quais somos estimulados a nos sujeitar.

*Vida

força profundamente do coração
Nelson Ferney Ramirez, 7 anos

A arte também atinge esse estado celestial que já nada guarda de pessoal nem de racional. A sua maneira, a arte diz o que dizem as crianças. Ela é feita de trajetos e devires, por isso faz mapas, extensivos e intensivos (DELEUZE, 1997, p.78).



A FORMA NÃO CUMPRE FUNÇÃO





Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim.

Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer sim: o espírito quer agora sua vontade, o perdido para o mundo conquista seu mundo
(NIETZSCHE,2011,p.28).



Referências:

- ALMEIDA, Maria Inês. As nuvens. [S. l.]: Livros Horizonte, 2015. 32 p.
- AMENÓS, Jordi. Onde está a lua?. [S. l.]: Fragmenta, 2016. 40 p
- BILLION, Gisele; JUNIOR; Eurípedes; SEIXAS, Isabel; STALLONE, Letícia; MELLO, Luiz Carlos. Nise da Silveira: a revolução pelo afeto. Centro Cultural Banco do Brasil, Belo Horizonte, 2021.
- CARVALHO, Adélia. A menina que queria desenhar o mundo. [S. l.]: Nuvem de Letras, 2020. 40 p.
- CLARETO, Sônia M. A criança e seus mundos: céu, Terra e mar no olhar de crianças da comunidade caiçara de Camburi (SP). Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática. Dissertação de Mestrado. Orientador prof. Dr. Márcio D'Olne Campos. Rio Claro: UNESP, 1993.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia. Tradução: Suely Rolnik. 1º. ed. São Paulo: 34, 1997. v. 4.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo. 2º. ed. [S. l.]: 34, 2011. 560 p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 587 A.C. - 70 D.C. - SOBRE ALGUNS REGIMES DE SIGNOS. In: MIL PLATÔS: Capitalismo e esquizofrenia. 2º. ed. [S. l.]: 34, 1995. v. 2, p. 50-91.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Kafka: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DELEUZE, Gilles. O que as crianças dizem. In: CRÍTICA e Clínica. 1º. ed. São Paulo: 34, 1997. p. 73-79.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia?. 3º. ed. São Paulo: 34, 2010. 272 p.
- DORETTO, Juliana; COSTA, Renata Carvalho de. O mundo da infância e a infância no mundo:: vozes de crianças nas revistas brasileiras Veja e Época. Rumores, [s. l.], ano 6, n. 2, ed. 12, p. 146-169, 2012.
- GREJNIE, Michael. A que sabe a Lua?. 1º. ed. [S. l.]: Kalandraka editorial, 2014. 36 p.
- HILLESHEIM, Betina. POR UMA LITERATURA MENOR: PRODUÇÃO LITERÁRIA PARA A INFÂNCIA1. 3º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação, Canoas, RS, p. 1-13, 2008.
- JEFFERS, Oliver. Aqui estamos nós. 1º. ed. [S. l.]: Salamandra, 2018. 48 p.
- MARTINS, Isabel Minhós. Quando eu nasci. Ilustração: Madalena Matoso. 1º. ed. São Paulo: Tordesilhinhas, 2011. 26 p.
- MARTINS, Isabel Minhós. Para onde vamos quando desaparecemos?. Ilustração: Madalena Matoso. 1º. ed. São Paulo: Tordesilhinhas, 2015. 44 p.
- MARTINS, Isabel Minhós. O Mundo Num Segundo. Ilustração: Bernardo Carvalho. 1º. ed. [S. l.]: Peirópolis, 2013. 56 p.
- MARTINS, Isabel Minhós. Uma mesa é uma mesa. Será?. Ilustração: Bernardo Carvalho. 1º. ed. [S. l.]: Tordesilhinhas, 2011. 42 p.
- NARANJO, Javier. Casa das estrelas:: universo pelo olhar das crianças. 2º. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2021. 144 p.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Primeira parte. In: ASSIM FALOU ZARATUSTRA: Um livro para todos e para ninguém. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011. cap. Das três metamorfoses, p. 27-28.
- SMITH, Keri. O Mundo Imaginário de ... 1º. ed. [S. l.]: Intrínseca, 2015. 192 p.
- TECKENTRUP, Britta. A árvore. 1º. ed. [S. l.]: Rovellet, 2014. 32 p.
- TULLET, Herve. Aperte aqui. 1º. ed. São Paulo: ática, 2011. 64 p.

Imagens utilizadas:

Página(s)_____Autore(s)

- 1_____ Composição com desenho da pesquisa - CLARETO, Sônia M. A criança e seus mundos: céu, Terra e mar no olhar de crianças da comunidade caiçara de Camburi (SP), UNESP, 1993..
- 4_____ CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL. Nise da Silveira: a revolução pelo afeto. Curadoria de estúdio M'Baraká; Diogo Rezende, Isabel Seixas e Letícia Stallon, Belo Horizonte, 2021. - Artur Amora. Sem Título, década de 40. óleo sobre tela. Exposição centro Cultural de Belo Horizonte, 2022. Fot. acervo pessoal da pesquisadora.
- 6-7_____ CLARETO, Sônia M. A criança e seus mundos: céu, Terra e mar no olhar de crianças da comunidade caiçara de Camburi (SP), UNESP, 1993.
- 9_____ Luminogravura, 'A Infância', Ariano Suassuna (1983). Revista Prosa e Verso, 2017. Disponível em: <) <https://www.revistaprosaversoearte.com/ariano-suassuna-poemas/> > . Acesso em: 2/01/2023.
- 11_____ DINIZ, João. VETOR VIVO arquitetura em aço. 2021. escultura . fot. acervo pessoal em Centro Cultural Banco do Brasil, Belo Horizonte.
- 13-14_____ CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL., A forma não cumpre função. Francisco NUK. Belo Horizonte, 2021. Fot. acervo pessoal da pesquisadora.

Artes Canva:

< Disponíveis em: [canva.com](https://www.canva.com) > acesso em: 6/01/2023.

Página(s)_____Autore(s)

- 1_____ @sparklestrok; @stepstosleepe; @dapaimages2; @curlscribbler.
- 2_____ @stepstosleep; @anugrahadesign.
- 3_____ @anugrahadesign ; @trendify.
- 4_____ @joshbmagics-images; @trendify.
- 5_____ @stepstosleep.
- 6_____ @canvacreativestudio.
- 8_____ @anugrahadesign; @stepstosleep.
- 9_____ v@anugrahadesign.
- 10_____ @anugrahadesign; @trendify; @letteringbynica.
- 11_____ @joshbmagics-images.
- 12_____ @anugrahadesign.
- 13_____ @jenni-doodles.
- 14_____ @sparklestroke; @anugrahadesign.
- 15_____ @anugrahadesignv.
- 16_____ @sparklestroke.